



# Programa de formação permanente

Ordem dos Agostinianos Recoletos

Introdução



## O PORQUÊ DE UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO PERMANENTE AGORA<sup>1</sup>

### NEM TEMPOS MELHORES, NEM TEMPOS PIORES: NÓS E NOSSOS TEMPOS

Por isso, irmãos, dizemos que oreis o quanto puderdes. Abundam os males e Deus quis que abundassem. Oxalá não abundassem os maus: não abundariam os males! “Maus tempos, penosos tempos” – é o que dizem os homens. Vivamos bem e bons são os tempos. Nós somos os tempos, os tempos são tais quais somos nós (s. 80, 8).

Comecei a presente reflexão com as conhecidas palavras desse sermão de nosso Pai porque considero que seu ensinamento pode aplicar-se à circunstância histórica de nossa Ordem. Uma circunstância que apressadamente qualificamos de má por atravessarmos este período invernal, que os mais afeitos a agouros denominam crise de sobrevivência, e ante a qual se rebela a nossa mentalidade, muito dada talvez a queixas e a juízos, inclusive do próprio Deus. As palavras de Agostinho podem iluminar nossas propostas neste período de conscientização,

---

<sup>1</sup> Apresento a seguir as siglas dos documentos eclesiais mais utilizados nesta reflexão: PC: *Perfectae caritatis*; VC: *Vita consecrata*; EG: *Evangelii gaudium*; VFC: *A vida fraterna em comunidade*; PdC: *Partir de Cristo*; SAO: *O serviço da autoridade e da obediência*; PCME: *As pessoas consagradas e sua missão na escola*. No que se refere às siglas dos organismos: CIVCSVA: Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; CONFER: Confederação de Religiosos da Espanha.

exposição de possibilidades e execução das mesmas, e servir de acicate para vislumbrar que a bondade ou a maldade dos acontecimentos históricos, que a catalogação da crise atual como de redução ou de crescimento e renovação, depende mais de nós e de nossa atitude perante os mesmos acontecimentos do que deles próprios.

Agostinho pronuncia dito sermão em circunstâncias difíceis para todo aquele que se declarasse romano. O texto costuma datar-se por volta de 410, ano em que Alarico assolou Roma, com o que cambaleou não só a Urbe, mas todo o orbe, e qualquer pequena cidade de províncias, portanto, como aquela desconhecida a cujos fiéis dirigia Agostinho essas palavras. A ideia principal da pregação era o poder da oração, comentando-se talvez o texto de Mt 17,18-20, e é no quadro dessa confiança na providência divina que se há de situar a exortação de nosso Pai. Ante os desafios representados pelas catastróficas mudanças, a solução não radica tanto em lançar a culpa a Deus, nem em entristecer-se, nem em fazer acusações a realidades impessoais, mas em assumir o nosso protagonismo na construção dos tempos, em considerar que o tempo é também uma realidade criada e em tomarmos consciência de que temos em nossas mãos a renovação ou a destruição (cf. Dt 30,19), dependendo de se nos abrimos e somos fiéis ao que o Senhor do tempo quer de nós, ou não.

Há circunstâncias na vida, tanto das pessoas como das instituições, que conduzem à apatia, ao tédio, ao desânimo, à acídia, ao aborrecimento, à angústia e à desesperança, quer pelo âmbito em que se desenvolvem, quer pela realidade pessoal de seus membros. Não penso que se deva aplicar a nós aquela explicitação aristotélica segundo a qual a esperança estaria em correspondência inversa com as etapas vitais, de modo que à maior senectude corresponderia menor esperança. Se a nossa Ordem, as nossas províncias e as nossas comunidades locais padecem da falta de dita força histórica devido a seu progressivo envelhecimento e à redução de sua seiva nova, não é boa a perspectiva que se tem.

Não me furto, portanto, a apelar novamente à experiência agostiniana, utilizando-me desta vez de uma reflexão de São Possídio sobre a atitude de seu grande mestre durante a invasão bárbara:

O homem de Deus pensava e refletia de maneira diferente dos demais sobre tal feroz irrupção e devastação dos inimigos, e por que se realizara e estava-se fazendo. Mas, considerando com maior profundidade e intensidade, e prevendo em tudo isso principalmente os perigos e as mortes das almas – visto que, conforme está escrito, aumentando-se o saber, aumenta-se o sofrer (Ecl 1, 18), e ainda: um coração que reflete é cárie para os ossos (cf. Pr 14, 30) – mais que habitualmente, as lágrimas foram seu pão noite e dia (cf. Sl 41, 4). E já na quase extrema velhice, levava e suportava uma vida sumamente amarga e lúgubre, mais do que a dos outros<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Vita 28, 6.

A primeira parte do parágrafo testemunha que, perante o desespero com que seus contemporâneos, tanto pagãos como cristãos, viviam aqueles cruéis acontecimentos, Santo Agostinho os vivia de forma diferente, elevando seu olhar a um horizonte mais alto, o que indica uma atitude esperançada. São Possídio apresenta-nos, pois, a pessoa de seu mestre como um homem de esperança, qualidade inusitada por aquele então, de acordo com o biógrafo.

Ao mesmo tempo, porém, a segunda parte explicita-nos que dita atitude esperançada era imbuída de realismo, nada tinha de amnésia, de olhar para o outro lado, nem de indiferença diante dos sofrimentos gerados pela invasão. Pelo contrário, o homem que vive com a esperança posta em Deus (‘considerando com maior profundidade e intensidade’) é também quem se faz presente e acompanha os sofrimentos e as desgraças de cada momento histórico (cf. At 1,10), por saber olhar a partir de Deus. A esperança cristã, como reza o texto, sacode o superficial para desentranhar os fatos em sua profundidade, a fim de que se reaja com honradez, de uma maneira discernida e arriscada.

O quinquagésimo quarto Capítulo Geral animou também a que se perscrutassem a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Deus sobre nós e sobre o nosso mundo (cf. Ef 3,18-19)<sup>3</sup>, ao mesmo tempo em que quis promover um período de reflexão e de renovação para que, sem deixarmos de ser fiéis ao nosso carisma, construamos uma história de futuro, de acordo com as diretrizes evangélicas e com as necessidades dos tempos (cf. VC 110). A mensagem capitular, baseada numa significativa exortação de Bento XVI<sup>4</sup>, é boa amostra disso, bem como o lema paulino escolhido para aquele evento: “De fato, se nós trabalhamos e lutamos, é porque depositamos a nossa esperança no Deus vivo, salvador de todos os homens” (1Tm 4,10).

Tal como se depreende dessa citação, a esperança não se restringe a uma dimensão passiva. Implica atividade, e atividade repleta de novidade, do inédito. Porque uma das características do Deus em quem cremos, do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Ef 1, 3), é precisamente a novidade, tanto em seu sentido protológico, tal como reconhecem o termo teológico *bārā'* e sua tradução correspondente, como criação *ex nihilo*; como em seu sentido escatológico, antecipado na ressurreição de Jesus. De Deus se afirma na Escritura que quebra os círculos viciosos que gangrenam o povo e injeta uma novidade que catapulta em direção ao futuro: Ele faz novas todas as coisas (cf. Ap 21,5); faz surgir algo novo, ainda que não se perceba (cf. Is 43,19); outorga “um coração novo e um

<sup>3</sup> Parafrazeando essa citação paulina, Santo Agostinho descreve a sua vivência, a partir do coração, nos seguintes termos: *largura*, boas obras; *comprimento*, longanimidade e perseverança nas obras boas; *altura*, espera nos bens eternos; *profundidade*, graça de Deus (cf. s. 53,15).

<sup>4</sup> “Recomeçemos daqui, levando em nosso coração a alegria de sermos discípulos do amor” (*Homilia durante a celebração de Vésperas*, Pavia, 22 de abril de 2007).

espírito novo” (cf. Ez 36,26); faz criaturas novas (cf. 1Cor 5,17)... Daí que a grande pergunta neste período invernal não diga respeito tanto ao que vamos fazer se somos tão poucos e tão velhos, mas a averiguar a nossa capacidade real de novidade, a nossa sensibilidade pelo novo e a nossa entrega a ele<sup>5</sup>.

Por essa razão, o Capítulo Geral propôs para o presente sexênio o seguinte objetivo: “Revitalizar a Ordem a partir de nossa identidade carismática para cumprir melhor a missão evangelizadora, reorganizando seus organismos e intensificando a comunhão fraterna e eclesial”. Além do mais, na introdução às ordenações, brindou-nos estas acertadas palavras explicativas do que fora dito:

Nós, agostinianos recoletos, cremos firmemente na força renovadora da ressurreição de Jesus e não podemos afligir-nos *como os homens sem esperança* (1Ts 4,13). Por isso, propomos fazer uma opção audaz, sacrificada e apaixonante. Teremos que consolidar algumas estruturas e transformar quantas forem necessárias para que nos movam mais eficazmente a uma vida espiritual exigente e enriquecida, a uma comunhão de vida fraterna y eclesial e à mais ardente caridade apostólica.

Para cumprir tal propósito e concretizar propostas de realização a serem apresentadas ao próximo Capítulo, constituiu-se uma *Comissão de revitalização e reestruturação* que, servindo-se de diversos instrumentos, como reflexões, questionários e avaliações, conscientizasse cada religioso de que não atravessamos maus tempos, mas vivemos, sim, um autêntico *kairós*, a requerer sério questionamento do que Deus quer hoje dos agostinianos recoletos para podermos agir em conformidade.

---

<sup>5</sup> Devo essa intuição a Fr. J. Ruiz Pérez, em sua palestra de 20 de janeiro de 2013, no marco da XX Aula Agostiniana de Educação, celebrada no Colégio Santo Agostinho de Madrid, embora possa derivar-se também do aforismo agostiniano que invoca Deus como Beleza sempre antiga e sempre nova (cf. *conf.* 10, 27, 38). Nesse sentido, convido a reler, à luz dessa perspectiva, EG 11-13, sobre ‘a eterna novidade’.





## **A AUTÊNTICA RENOVAÇÃO DEPENDE DA FORMAÇÃO DE SEUS MEMBROS**

Não é de pouca monta que mencionada comissão tenha iniciado seu percurso com a publicação de uma série de folhetos, um material de formação permanente mais do que válido. Isso talvez se deva a que pesa muito o acertado conselho conciliar de que a “conveniente renovação dos Institutos depende, sobretudo, da formação dos membros” (PC 18a). Conselho, diga-se de passagem, proposto num momento de profunda transformação para a vida religiosa.

Embora seja verdade que o processo de revitalização empreendido pela Ordem há de renovar nossas estruturas comunitárias e institucionais, devido à confluência das dimensões de individualidade e comunhão em toda pessoa humana e, por conseguinte, no religioso; também é certo que essa transformação só acontece se existir previamente o convencimento de quem integra ditas estruturas e lhes outorga sentido. Por tal motivo, a ansiada revitalização se sustentará em sólidos alicerces e granjeará vida em abundância (cf. Jo 10,10), aquela qualidade de vida evangélica que todos anelamos, se for precedida pela autêntica conversão dos agostinianos recoletos a Deus e a Seu reino.

## Renovação através da transformação da mente

Para advertir a radicalidade do fato, acho cada vez mais apropriado o vocábulo grego assumido tanto pelos tradutores do texto massorético como pelos hagiógrafos neotestamentários para verter a palavra hebraica *šûb*<sup>6</sup>, que possui duas acepções: uma profana, para significar retornar, mudar de direção; e outra religiosa que, na profecia do século VIII a.C. e, por derivação, na perieixílica, era aplicada em sentido estritamente pessoal e afetava a totalidade da existência humana. Nesse contexto, *šûb* implicava um apartar-se do mal (cf. Is 1,16; Ez 18,31; Jr 36,3) para voltar-se a Deus, para retornar à relação original com Ele (cf. Os 14,4; Jr 3,22-23; Is 10,10-21).

O termo grego assumido para traduzir dito vocábulo (*metanoêite*, *metanoéō*) acrescenta um matiz espiritual e intelectual, significando mudança de mente ou de pensamento, mas sem perder de vista que referido giro, ou precisamente em virtude disso, repercute numa mudança de atitude existencial e de vida. Sem pretender chegar a dualismos nem a reducionismos antropológicos, destaco esse matiz do termo *metánoia* para a reflexão posterior porque considero que são as ideias bem fundamentadas que permitem ao ser humano repropor-se com seriedade a própria existência, mudar realmente de direção e insuflar um novo sentido à vida, sem dar passos em falso.

Naturalmente, para a ‘conversão ou renovação’, a sensibilidade e toda a urdidura afetiva que sustenta o ser humano são de vital importância. Aquela perfura os nossos corações de pedra, tornando-nos realmente humanos (cf. Ez 36,26), enquanto esta impulsiona o nosso acercamento e a nossa ação, tal como exemplifica o processo de compaixão e de misericórdia refletido por Jesus na parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10,30-35)<sup>7</sup>. Levando-se em conta, porém, a natureza de ambas as realidades, tanto uma como a outra se sujeitam ao momentâneo e ao impulsivo, em certo sentido irracional e inconsciente, e requerem de outra força interior: a) que clarifique a sua motivação; b) que lhe dê consistência, estabilidade e firmeza e c) que empreenda a execução do encargo feito.

Nesse sentido, a dimensão intelectual da conversão desempenha um papel decisivo na forja de uma opção fundamental ou em sua nova proposição. É fato que quem se converte e faz um giro radical em sua vida é a pessoa humana em sua totalidade. É fato que a experiência diária manifesta que, com frequência, as

<sup>6</sup> Cf. H. Merklein, “*Metánoia*, as, e”: H. Balz y G. Schneider (dirs.), *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*, II, Sígueme, Salamanca 1998, 249-259; S. Légasse, “*Epistréfo*”: H. Balz y G. Schneider (dirs.), *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*, I, Sígueme, Salamanca 1998, 1540-1543.

<sup>7</sup> Cf. L. Pérez Aguirre, *La opción entrañable ante los despojados de sus derechos*, Sal Terrae, Santander 1992.

coisas estão intelectualmente claras, mas que dita clarividência não desce com facilidade ao coração e, portanto, não o afeta, razão pela qual a pessoa continua aferrada a suas apetências ou comodidades, em sua rotina e eterno retorno, mais como ‘Ulisses’ do que como ‘Abraão’.

É verdade também que, sem essa decisão racional, dificilmente se pode dobrar a trama de dependências afetivas que distorce a objetividade das situações, paralisa os bons desejos e motivações e acaba destruindo propósitos e metas. O cariz intelectual ou racional (ou consciente) da conversão, pelo contrário, arrebatam-nos do nosso ensimesmamento e nos oxigena; tira-nos do nosso pequeno mundo, abre horizontes de futuro, confere agudeza mental para discernir o melhor a cada instante e outorga serenidade resolutiva para que nos ponhamos outra vez em caminho pela senda escolhida, pois a conversão tende a criar homens novos e estruturas novas.

Quisera pensar, para além de um estudo exaustivo sobre as ‘conversões’ de nosso Pai, que a evocação de sua experiência, como teologia narrativa, propõe a conversão no sentido exposto de mudança de mentalidade, de forma de conhecer e de acercar-se à realidade. Quisera pensar que o percurso intelectual plasmado em suas *Confissões*, em busca daquela Verdade existencial que lhe proporcionasse felicidade, é o que move a sua mudança de atitude e obtém o seu desarraigo ou desapego, pois os pequenos afetos pareciam necrosar seu jovem coração inquieto (cf. *conf.* 8, 11, 26-27). Quisera pensar que referida *metánoia*, embora se apartasse das criaturas para retornar ao Criador, prosseguiria nos anos sucessivos, já que sua imagem de Deus estava exposta a uma contínua revisão (cf. *s.* 52,16; 117, 5), ao tratar-se de um Deus nômade que procura sempre ser encontrado onde quer ser buscado ou, melhor dizendo, que sai ao nosso encontro onde e quando menos o esperamos<sup>8</sup>.

Por fim, quisera pensar que essa teologia narrativa agostiniana surtisse efeito em quem enriquece o seu carisma, dado que o passar dos anos revela a facilidade com que nos aferramos a nossas convicções, mais guiadas talvez por afetos do que por razões, seja por carecermos de horizontes existenciais e comunitários, seja porque, estancados naquilo que foi estudado em sua época, não prosseguimos com certa vitalidade de pensamento, capaz de abrir novas frentes e de permitir que nos assomemos aos abismos do inédito. Agostinho nos diria que a falta de formação permanente aumenta a miopia, caleja a sensibilidade diante das contínuas interpelações e encolhe a valentia.

---

<sup>8</sup> Nesse sentido, como recentemente recordava o Papa Francisco à luz de Abraão, nosso Deus transforma-nos em nômades, pedindo-nos “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20).



### Contínua insistência do Magistério

Por essa razão, estimo que o Magistério anime insistentemente os religiosos a cultivar a formação permanente e a considerá-la uma de suas tarefas prioritárias, máxime num período de vertiginosas mudanças como é o atual. Diante das mesmas, os agostinianos recoletos precisam “verificar as bases da formação e aprofundar nas metas e conteúdos, para adequar-nos aos tempos e às novas situações pessoais, sociais e eclesiais”. Hoje, mais do que nunca, requer-se “formação sólida, dinâmica, arejada, aberta aos novos horizontes da sociedade mundial em profunda transformação”<sup>9</sup>. Advirto que, em referida insistência, deve-se ler mais uma exortação a que a vida religiosa não perca seu cariz alternativo e profético para a Igreja e para a humanidade do nosso tempo.

Não é o caso de fazermos aqui um eco de todos os lugares em que a Igreja reclama essa *metánoia* constante, não posso, contudo, deixar de indicar alguns que considero significativos para o nosso processo de revitalização e de reestruturação, para o nosso processo de retorno à relação original com Deus, o nosso único necessário.

O lugar mais emblemático talvez, por ser sistemático e profundo, seja a exortação apostólica *Vita consecrata*. Nela, João Paulo II, no rastro do decreto *Perfectae caritatis*, assegura que a “renovação da vida consagrada depende principalmente da formação” de seus membros (VC 68; cf. PC 18; PdC 14). Anima, além disso, a trabalhar metodologicamente em mencionada formação, que descreve como “um processo vital, através do qual a pessoa se converte ao Verbo de Deus até às profundezas do seu ser e, ao mesmo tempo, aprende a arte de procurar os sinais de Deus nas realidades do mundo” (VC 68).

Essa descrição da formação em geral, e da permanente em particular, é sugestiva. Por um lado, como recolhem documentos posteriores, alude-se à formação como processo, como crescimento, que diz respeito à melhor configuração com Cristo, à mais perfeita conformação com Seus sentimentos (cf. EG 160; SAO 13g; PdC 15); à “gestação daquele homem novo que experimenta dentro de si, em cada circunstância da vida, os mesmos sentimentos de Cristo” (VC 69). Vê-se claramente o vínculo entre formação e renovação e, inclusive, recriação do ser humano em seu processo de cristificação, mas também se insiste em que a formação não se refere exclusiva nem prioritariamente à inculturação doutrinal a modo de verniz nem à mera atualização, nem fica reduzida a nenhuma

---

<sup>9</sup> S. Bisignano, “Formación”: A. Aparicio Rodríguez y J. Canals Casas (dirs.), *Diccionario teológico de la Vida Consagrada*, Publicaciones Claretianas, Madrid 1989, 712 e 713, respectivamente. A partir de agora, cito esse dicionário pela abreviatura *DTVC*.

etapa concreta da vida, porque abarca todas e cada uma delas, com suas circunstâncias vitais próprias (cf. VC 69, 71; SAO 13g) <sup>10</sup>.

Com relação a isso, não estão de mais certas considerações do documento *Partir de Cristo*, em que se enfatiza que tal processo de configuração com Jesus dura a vida inteira e compromete toda a pessoa, ao conceber a formação não apenas como “um tempo *pedagógico* de preparação” para algo fixo e delimitado, seja a profissão simples, seja a solene, seja a ordenação sacerdotal, mas como um “modo *teológico* de pensar a própria vida consagrada” (PdC 15).

A recente exortação apostólica *Evangelii gaudium* do Papa Francisco assim também o apresenta, embora discorra no âmbito mais genérico do crescimento na fé. Nos números 160 e 161, além do que foi dito, o Papa pontua dois aspectos dignos de menção: primeiro, que o crescimento procurado pela evangelização “implica tomar muito a sério em cada pessoa o projeto que Deus tem para ela”; segundo, que referido crescimento há de observar o que Deus nos indica, que não é outra coisa que o amor ao próximo, especialmente aos mais necessitados.

Essas ênfases do Papa Francisco recordam a segunda grande ideia do texto de *Vita consecrata*, com que abria minha exposição: a importância do discernimento em dito processo. Discernimento que se ampara no cultivo da sensibilidade para descobrir, na opacidade das circunstâncias da vida, o que Deus quer de nós, e não o que nós achamos ou queremos que queira, e para abrir-nos assim à alteridade, tornando inclusive, “de algum modo, « sensível » a presença d’Ele, por meio do testemunho do próprio carisma” (VC 68). Esse discernimento torna-se hoje mais premente pelo ritmo frenético com que as mudanças ocorrem na realidade e pela exigência contínua de fidelidade que é própria à vida consagrada (cf. PdC 15) <sup>11</sup>.

Explicitam-se, por sua vez, no documento *O serviço da autoridade e da obediência* algumas das atitudes implicadas em dito discernimento: “Será responsabilidade da autoridade, portanto, manter um nível alto de disponibilidade formativa em cada um, de capacidade de aprender com a vida, sobretudo da liberdade de deixar-se formar pelo outro e sentir-se responsável pelo caminho de crescimento de todos” (SAO 13g). Além disso, como meios para alcançá-lo, o texto sugere a partilha da Palavra, o projeto pessoal e comunitário, o discernimento comunitário, a revisão de vida e a correção fraterna.

---

<sup>10</sup> Com relação a isso, não resisto a transcrever certas reflexões de S. Bisignano que poderiam glosar perfeitamente a presente intuição: “A qualidade da vida consagrada, da vida comunitária, da participação real e corresponsável na vida do instituto, da possibilidade efetiva de responder aos desafios do mundo contemporâneo com criatividade e com arrojo, exige de todos e cada um constante processo de crescimento, de discernimento, de abertura ao Espírito, de disponibilidade e decisão” (S. Bisignano, “Formación... 737).

<sup>11</sup> Como se assegura em outro documento: “Os consagrados e as consagradas, deixando-se transformar pelo Espírito e vivendo em estado de formação permanente, tornam-se capazes de ampliar os seus horizontes e de captar as dimensões profundas dos acontecimentos” (PCME, 83).



## **NECESSÁRIA FORMAÇÃO PERMANENTE PARA AFRONTAR NOSSOS TEMPOS**

A salvaguarda do nosso carisma está em consonância com esses pressupostos. Não só porque Agostinho foi um incansável buscador da Verdade, o que o levou a mover-se a seu compasso, mas também porque o espírito da Recoleção, com seu convite à constante busca das fontes, à ênfase na interioridade, na reforma de uma vida comunitária um pouco atomizada e no convite à adaptação aos tempos, assim o testifica ao longo de seus séculos de existência.

À espera da revisão do *Plano de formação*, a renovação de nossas *Constituições* recolhe, em grande medida, o sentir eclesial exposto, tal como se percebe no desenvolvimento da quarta etapa de formação (cf. *Const.* 256-275), enriquecida com respeito à redação constitucional anterior (cf. *Const.* 258ss.) pela doutrina de *Vita consecrata*. Quase no início dessa exposição, põe-se de manifesto a importância da formação permanente na renovação e na revitalização de cada religioso e da Ordem, ao sustentar-se que “a formação permanente é um dos nomes da renovação e da conversão religiosa” (*Const.* 257), aspecto este recolhido no objetivo do curso de renovação, como um dos meios importantes de

formação permanente (cf. *Const.* 269), bem como noutros trechos de nossas *Constituições*<sup>12</sup>.

A prioridade da formação permanente, além disso, é expressa quando se faz referência a ela como “necessidade coletiva primordial” e quando se assegura que a primeira obrigação da Ordem e das províncias radica em “velar pela formação permanente de seus membros”<sup>13</sup> e em renovar progressivamente “as estruturas e as atividades” (*Const.* 263). Essa última anotação revela-se singular por mostrar que, na formação permanente, está em jogo a pessoa do religioso, mas também as obras, as estruturas e as iniciativas da Ordem, razão pela qual a renovação ou conversão do religioso há de repercutir na reorganização e na reestruturação das instituições que ele forma e configura.

Nessa mesma linha, o último Capítulo Geral, em sua ordenação sobre *Comunhão e reestruturação*, encarrega o Prior geral de que, com o seu conselho:

Prepare, com o assessoramento dos institutos e secretariados gerais de espiritualidade e formação, um itinerário de formação permanente para toda a Ordem, em que se tenham muito em conta o processo humano e espiritual do religioso e a vida comunitária (*ord.* 2.2).

Logo depois, completa essa ordenação com a seguinte:

Ofereça diretrizes que fortaleçam a unidade e a comunhão, para que as províncias elaborem seu programa de formação contínua, e leve-as em consideração ao aprovar os Diretórios. Nesse programa, além de outros conteúdos, incluir-se-ão o processo de conversão e a experiência agostiniana de interioridade, a leitura orante da Sagrada Escritura, a doutrina monástica de Santo Agostinho, o conhecimento das *Constituições*, a espiritualidade e a missão dos agostinianos recoletos, bem como a história da Ordem. As províncias, por sua vez, adaptem seu programa a essas diretrizes e unam seus esforços para organizar as semanas e jornadas de formação permanente quando se celebrarem numa mesma região (*ord.* 2.3).

A fim de levar a efeito ditas petições, embora mais centrado na ordenação 3.2, o Prior geral, com seu conselho, nomeou uma comissão que projetou uma série de recursos com o propósito de enriquecer os irmãos e sustentar neles o processo de revitalização<sup>14</sup>. Para a realização de suas propostas, o conselho remeteu à temática programada para apoiar a formação permanente dos religiosos durante a segunda metade do sexênio: revitalização, comunidade e vida fraterna (2014); revitalização e interioridade (2015); revitalização, discernimento e reestruturação (2016).

À luz do que foi dito, o *Instituto de espiritualidade e de história* da Ordem quer prestar seus serviços a todos os irmãos em referido campo, razão pela qual

<sup>12</sup> Transcrevo um desses trechos: “Para favorecer a união entre os diversos institutos de inspiração agostiniana, convém promover conferências e encontros que contribuam para estreitar mais os vínculos fraternos, e para procurar uma constante renovação” (*Const.* 115d), o aspecto intelectual é manifestado também em *Const.* 137.

<sup>13</sup> Em consonância, faz-se o seguinte encargo aos priores provinciais: “Uma das principais preocupações do prior provincial deve ser a seleção e o fomento das vocações, e a instrução e formação dos formandos, pois a perene renovação da província depende principalmente da formação de seus membros” (*Const.* 406, texto baseado na conhecida expressão de PC 18, embora não a cite diretamente).

<sup>14</sup> Cf. Prot. N. 1-3/13.2, de 30 de maio de 2013.

disponibilizou três cursos de formação *on-line*, acessíveis a todos e, desejamo-lo, válidos para todos. Sua temática adapta-se à que foi exposta pelo conselho geral, pois atinge plenamente a nossa dimensão carismática, aspecto fundamental de toda formação permanente de acordo com a Igreja (cf. VFC 45-46). O seu modo de realização representa, sim, uma novidade maior, não só por valer-se do suporte informático, poupando-nos de deslocamentos e facilitando seu acompanhamento nos momentos que o religioso considerar mais adequados, mas porque procurou primar pela pluralidade: de autores, de enfoques e de desenvolvimentos.

A comunidade, a interioridade e o discernimento são realidades suficientemente amplas e com bastantes arestas para que se abordem a partir de diferentes pontos de vista e sejam aprofundadas em diversos aspectos. Por isso, muitos foram os irmãos, irmãs e leigos que responderam afirmativamente à petição do Instituto. Pretendeu-se que nenhum dos integrantes da família agostiniana recoleta ficasse excluído desse importante cometido, assim como contar com o maior número possível de colaboradores, de diversas procedências, idades e com diferentes estudos, para que a pluralidade que caracteriza a nossa Ordem fizesse sentir a riqueza que trazemos conosco.

Múltiplos foram também os matizes sugeridos para o desenvolvimento de cada tema: uns mais teóricos, outros mais práticos e vivenciais; uns mais históricos, outros mais pastorais; uns mais teológicos e espirituais, outros mais antropológicos e psicológicos... Dessa forma, procurou-se um contato com todas as sensibilidades, chegar a aspectos que a todos nos engajem na reflexão e na proposta. Seria utopia almejar que todos lessem e estudassem todas as colaborações, mas gostaríamos que todos encontrassem pelo menos algumas, que tocassem de perto a sua circunstância comunitária, pessoal ou pastoral.

Cada colaboração aparecerá na página eletrônica da Ordem no tempo estipulado (uma ou duas por mês). Pretendeu-se, e assim se fez saber a cada colaborador, que os materiais sejam bem fundamentados, que levem a pensar, capacitem para dialogar, ensinem a partilhar, disponham a repropor e permitam (co-)sentir, (co-)fazer, (co-)esperar... para que, na verdade, possibilitem a renovação pessoal e comunitária, ajudem a clarificar e a discernir o que Deus quer hoje da família agostiniana recoleta.

Seria importante não perder de vista essa pergunta, voz que se escuta na Palavra de Deus, nas diretrizes da Igreja, nas vozes dos seres humanos, nos acontecimentos da história, mas para cuja recepção talvez não estejamos sensibilizados. Ela lançará luz para orientar adequadamente a nossa revitalização e reestruturação como família e como Ordem. Nem precisamos dizer que os temas escolhidos poderiam ter sido abordados de outra maneira, mais acadêmica sem dúvida, e inclusive poderiam ter sido tratados outros, dos quais não fomos



conscientes. Em todo momento, contudo, pretendeu-se concretizar – ou que cada um de nós concretize – o que nos é pedido como agostinianos recoletos e como podemos responder melhor à referida pergunta nos meandros de nossa vida cotidiana.

Agora que tanto se fala de qualidade de vida, não percamos de vista que ela deriva do encontro real com Deus, nosso único necessário, lá onde Ele quer ser encontrado, não onde nós estivermos situados nem onde nos empenhamos para que Ele se situe.



## **A COMUNIDADE COMO SUJEITO E OBJETO DE FORMAÇÃO PERMANENTE**

Omiti propositalmente do resumo anterior a respeito da doutrina magisterial acerca da formação permanente as interessantes contribuições do documento *A vida fraterna em comunidade*, porque elas servem de ambientação e preâmbulo para as reflexões que se desenvolverão, durante o presente ano de 2014, ‘Revitalização, comunidade e vida fraterna’.

Nos números 43-46, a CIVCSVA exorta as comunidades religiosas, não tanto os religiosos, a que sejam sujeitos em permanente formação. Expressa, além disso, as dificuldades que os projetos de formação permanente encontram hoje em dia, como, por exemplo, a falta de tempo para assistir aos encontros, reuniões e cursos (algo que o Instituto pretendeu solucionar com a modalidade *on-line* adotada para a ocasião), mas enfatiza, sobretudo, como uma das finalidades de tais projetos, a de “formar comunidades maduras, evangélicas, fraternas, capazes de continuar a formação permanente no cotidiano” (VFC 43).

Como se isso não bastasse, acrescenta que um dos objetivos dessa formação consiste em “integrar pessoas, marcadas por formação diferente e por diferentes visões apostólicas, numa mesma vida comunitária onde as diferenças não sejam tanto ocasiões de contraste quanto momentos de mútuo enriquecimento” (VFC 43). Destarte, a comunidade não é só sujeito, mas também objeto, da mesma: a formação permanente procura criar, mais e melhor, a comunidade. A seguir, o documento matiza alguns temas em torno aos quais pode ser estruturada

mencionada formação: os conselhos evangélicos (cf. VFC 44), o carisma (cf. VFC 45) e a identidade carismática (cf. VFC 46).

Tal como denota a ênfase dada em alguns comentários ao texto, o acento dessa proposta recai sobre a comunidade, não sobre as pessoas, porque, como bem recolhia o pensamento profético sobre a *metánoia*, esta se vive na radicalidade e na totalidade, entendida como giro existencial que engloba toda a pessoa, afetando a comunidade e as estruturas, que também devem ser recriadas. Como reflete M. A. Asiaín, parafraseando positivamente aquela mentalidade sartriana que vê na alteridade o maior inferno, tão comum em nossas comunidades, “minha maior conversão, o que mais me obriga a converter-me, é a vida comum... Estar juntos, conviver, estar exposto ao que os demais podem pedir-me e responder de acordo, obriga a uma conversão constante”<sup>15</sup>.

Não se porá suficientemente em relevo, portanto, que a revitalização de nossa Ordem começa hoje por sentirmo-nos convocados a formar uma única família, como pedagogos de como se vive em, a partir de, para e como comunidade. O Concílio Vaticano II e toda a teologia e espiritualidade dele emanadas recuperaram a importância da personalidade corporativa da cultura judaico-cristã e a urgência de sentirmo-nos ‘em comunhão’, aspecto sabiamente desenvolvido por nosso Pai à luz da rica teologia paulina do corpo<sup>16</sup> e que o levou a exclamar aquelas palavras, pronunciadas entre 425 e 430, ao ocaso de sua vida: ‘Não quero salvar-me sem vós’ (s. 17, 2), e que encontram hoje um estilo peculiar na exortação do Papa Francisco:

Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe (EG 113).

Nem precisamos dizer que, para nós, pensar de modo agostiniano recoleto implica pensar comunitariamente, porque a vida fraterna é a pedra de toque que acrisola a nossa consagração e o nosso carisma, sem que com isso pretendamos

<sup>15</sup> M. A. Asiaín, “Comunidad”: *DTVC*, 287. No mesmo sentido, A. Cencini: “A comunidade, e o fazer comunidade, é um lugar estratégico para a renovação da vida consagrada, é o próprio caminho da renovação, é seu coração e seu centro” (citado por J. Rovira Asumí, *La vida consagrada hoy. Renovación, desafíos, vitalidad*, Publicaciones Claretianas, Madrid 2011, 174-175). O documento *A vida fraterna em comunidade* refere-se à vida comunitária como sacrifício, como a ‘máxima penitência’, no número dedicado aos desadaptados da comunidade (cf. VFC 38). Comentando o capítulo correspondente da *Regra*, T. Tack afirma que “as pessoas que vivem em comunidade não precisam, portanto, perguntar a si próprias de que modo poderão seguir Cristo mais atentamente. Sua penitência e sua mortificação básicas já foram estabelecidas” (T. Tack, *Se Agostinho estivesse vivo*. Paulinas, São Paulo 1993, 101). Essa concepção talvez derive de algumas expressões agostinianas, como: “O que suportará quem não suporta o irmão?” (*ep.* 48, 3); mas convém destacar-se que, a tais pensamentos, subjaz, antes de mais, o princípio de suportar-se mutuamente por e com amor, como se depreende do contexto dessa carta.

<sup>16</sup> Cf. G. Tejerina Arias, “La eclesiología agustiniana del *Christus Totus*”: *Revista agustiniana* 42 (2001) 1139-1179.

qualquer singularidade, uma vez que essa forma de vida é inerente ao seguimento de Jesus. A comunidade há de erigir-se, como afirmava há alguns anos M. A. Orcasitas, em plataforma ao redor da qual girem todos os elementos considerados imprescindíveis da nossa consagração religiosa e em fator de revitalização e de reestruturação de nossa vida fraterna concreta<sup>17</sup>, em condimento indispensável para que sejamos agostinianos recoletos e não outra coisa.

O ideal monástico agostiniano não dá lugar a dúvidas a esse respeito, a ponto de considerá-lo o autêntico voto (cf. *reg.* 1, 2; *en. ps.* 75, 16; 83, 4; 132, 1; s. 355). Penso, ainda, que hoje mais do que nunca, devemos recuperar vivencialmente o cariz contracultural e alternativo que a proposta comunitária agostiniana supôs na sociedade desvinculante e estratificada de seu tempo (cf. *reg.* 1, 6; *s. dom.* 2, 4, 16)<sup>18</sup>, bem como o pensamento, regenerado pelo personalismo comunitário atual, da necessária socialidade para a forja da identidade, da real solidariedade entre todos e da possibilidade de ser livre mesmo em meio à dependência (cf. *en. Ps.* 69, 7; 125, 13).

De igual maneira, a *Forma de viver*, apesar de sua correspondente contextualização numa época em que, *a priori*, não se dava tanta importância à vida comunitária como em nossos dias, nem sequer entre os autores agostinianos de renome, apresenta uma intensa e constante coloração comunitária ao longo de todo o seu texto, por mais que não dedique capítulo explícito algum à abordagem da vida fraterna e mesmo que estejam quase ausentes dela os vocábulos *comunidade* e *comun*<sup>19</sup>.

Se a profundidade carismática da nossa forma de vida se mostrasse insuficiente, dever-se-ia aduzir ainda que a dimensão comunitária costuma sofrer mais os desafios da compreensão individualista e despersonalizada das relações sociais que atualmente campeiam por todo lado, inclusive em nossas comunidades, relações estas reduzidas ao gozo e ao desfrute, ou ao uso e consumo. Sem maiores alardes sociológicos, remeto, para constatar-se o que digo,

<sup>17</sup> Cf. M. A. Orcasitas, “El carisma agustiniano y su futuro en el s. XXI”: R. V. Pérez Velázquez y J. R. Ivimas Chanchamire, *II Congreso histórico de la Provincia Santo Tomás de Villanueva de la Orden de Agustinos Recoletos*, II, Santa Rita, Granada 2011, 945; T. Tack, *Se Agostinho estivesse...* 20-22.

<sup>18</sup> Nesse sentido, a apreciação de van Bavel não pode ser mais enérgica: “A Regra converte-se em profecia porque denuncia uma forma de sociedade estratificada e oferece a alternativa de uma sociedade de iguais” (T. J. van Bavel, “La herencia espiritual de san Agustín”: AA. VV., *En camino hacia Dios. Notas para una espiritualidad agustiniana*, Pubblicazioni agostiniane, Roma 2005, 30; cf. Id., *Carisma: comunidad. La comunidad como lugar para el Señor*, Religión y Cultura, Madrid 2004, 47, 85-113; S. Álvarez Turienzo, “Comunidad en san Agustín y comunitarismos actuales”: AA. VV., *Soledad, diálogo, comunidad*, CTSA, Madrid 2000, 23-83; T. Tack, *Se Agostinho estivesse...* 11-23; E. Eguarte Bendímez, *Los ojos del corazón. Siete retos de la fe según san Agustín*, Editorial Agustiniana, Madrid 2013, 43-45).

<sup>19</sup> Cf. J. Díez, “La comunidad en la *Forma de vivir*”: AA. VV., *Forma de vivir los frailes agustinos descalzos de fray Luis de León*, Augustinus, Madrid 1989, 177-249.

a algumas ideias da recente exortação *Evangelii gaudium*, na qual o Papa invoca a comunidade como incentivo para a humanização do mundo contemporâneo<sup>20</sup>.

É algo já, por si mesmo, significativo que um dos capítulos da referida exortação se intitule ‘Na crise do compromisso comunitário’ (cf. EG 50ss.). O fato denota que o Pontífice aplica-se a si mesmo o que mais adiante exige de toda a humanidade, em relação àqueles que a globalização do individualismo privou tanto de palavra como de voz: a reivindicação duma nova mentalidade que pense a vida em termos de comunidade (cf. EG 188).

Concretizando mais, o Papa Francisco arremete contra o individualismo pós-moderno e globalizado que “favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas, e distorce os vínculos familiares” (EG 67). Questiona também o aumento do “apreço por várias formas de «espiritualidade do bem-estar» sem comunidade, por uma «teologia da prosperidade» sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista” (EG 90) e, até indiretamente, a possibilidade da vivência de uma fé cristã alheia à pertença à comunidade (cf. EG 88).

Os números seguintes não têm desperdício algum de palavras, tanto por sua análise, como pela solução proposta, transcrevo-os, portanto, quase na sua integralidade:

91. Um desafio importante é mostrar que a solução nunca consistirá em escapar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros. Isto é o que se verifica hoje quando os crentes procuram esconder-se e livrar-se dos outros, e quando sutilmente escapam de um lugar para outro ou de uma tarefa para outra, sem criar vínculos profundos e estáveis... É um remédio falso que faz adoecer o coração e, às vezes, o corpo. Faz falta ajudar a reconhecer que o único caminho é aprender a encontrar os demais com a atitude adequada, que é valorizá-los e aceitá-los como companheiros de estrada, sem resistências interiores. Melhor ainda, trata-se de aprender a descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações; e aprender também a sofrer, num abraço com Jesus crucificado, quando recebemos agressões injustas ou ingratidões, sem nos cansarmos jamais de optar pela fraternidade.

92. Nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura, é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom. Precisamente nesta época, inclusive onde são um «pequeno rebanho» (Lc 12, 32), os discípulos do Senhor são chamados a viver como comunidade que seja sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-16). São chamados a testemunhar, de forma sempre nova, uma pertença evangelizadora. Não deixemos que nos roubem a comunidade!

Sublinho essa última exclamação do Pontífice: “Não deixemos que nos roubem a comunidade!”, tão próxima a uma manifestação da CONFER de alguns anos

<sup>20</sup> Para um desenvolvimento um pouco mais sistemático remeto a E. Gómez, “La comunidad, crisol de renovación”: *Recollectio* 36 (2013) 225-233.



atrás<sup>21</sup>, porque, havemos de reconhecê-lo, nossas vivências comunitárias e nossas estruturas fraternas foram-se deteriorando pouco a pouco por causa de nossos personalismos e individualismos, de nossos espiritualismos e ativismos, e, por que não dizer, de nossos totalitarismos e ares ditatoriais, a ponto de, na maioria das vezes, manifestar nossa falta de confiança no irmão e nossa incapacidade de dialogar, de discernir em comum e de trabalhar lado a lado.

Como ressalta, porém, o Papa Francisco, a vida fraterna é a que melhor pode curar as nossas carências afetivas, as nossas depressões pastorais, nossas dúvidas fiduciais, nossas feridas existenciais e faltas de sentido, a que melhor pode orientar nossas orações e gerar um lar que faz com que nos sintamos – não se pode expressar melhor – em casa. A força da vida fraterna para a vida religiosa e apostólica é suficientemente insinuada e recolhida nas três pinceladas com que a CIVCSVA descreve a comunidade no número anteriormente citado de *A vida fraterna em comunidade*:

A comunidade religiosa, de fato, (a) é o lugar onde as grandes orientações se tornam operativas, graças à paciente e tenaz mediação cotidiana. A comunidade religiosa (b) é a sede e o ambiente natural do processo de crescimento de todos, onde cada um se torna corresponsável pelo crescimento do outro. A comunidade religiosa, além disso, (c) é o lugar onde, dia por dia, se recebe ajuda de pessoas consagradas, portadoras de um comum carisma, para responder às necessidades dos últimos e aos desafios da nova sociedade (VFC 43).

Por essa razão, não é inútil dizer que, embora as reflexões dos diversos colaboradores durante o presente ano girem já em torno da vida fraterna e da revitalização das comunidades locais, das delegações, vigararias e províncias – organismos, todos esses, contextuais com vistas a uma melhor administração (cf. *Const.* 322) – e de nossa Ordem como comunidade de comunidades, não se há de perder de vista que, antes de mais, elas se orientam a ajudar-nos a refletir em e como comunidade, de modo que nos conscientizemos de que a comunidade agostiniana recoleta é o autêntico sujeito e, ao mesmo tempo, objeto, da formação permanente e, portanto, da contínua renovação, revitalização e reestruturação.

Por isso, não sem razão o texto constitucional corrige a inegável responsabilidade pessoal do religioso em sua formação (cf. *Const.* 260) com a dupla missão que outorga à comunidade local com relação à mesma:

---

<sup>21</sup> “Estamos perplexos ante o futuro da humanidade. Assistimos ao fracasso do comunismo como sistema válido de organização social. Sentimo-nos desgostosos com uma economia de mercado que é, certamente, capaz de criar riqueza, mas à custa de muitos excluídos do sistema e de uma natureza devastada. Somos testemunhas diretas das grandes injustiças que ainda ocorrem neste mundo global e tecnicista. Existe alguma alternativa de futuro? O que nos resta? Resta-nos o milagre da comunidade! Nós não somos políticos nem economistas. Não temos uma terceira via original, mas recebemos o dom de viver um estilo de vida fraterna e solidária que se foi revelando humanizador, ao longo de muitos séculos, e que é um reflexo do Deus em quem cremos” (Citado por G. Fernández Sanz, “Callar, escuchar, hablar. Tres verbos de la comunidad religiosa”: AA. VV., *Soledad...* 302).

- 1) Renovar-se ela mesma, melhorar a qualidade das relações entre seus membros, incorporar os meios pedagógicos e religiosos que a puderem ajudar nesse empenho, perguntar-se acerca de sua fidelidade a Deus e do testemunho interno e externo que oferece.
- 2) Formar cada um de seus membros da maneira mais oportuna em cada caso, preocupando-se por ensinar, corrigir, estimular e compartilhar em nome do Senhor tudo aquilo que for necessário (*Const.* 261).

Nem que, mais à frente, ao referir-se aos órgãos colegiados, como capítulos ou conselhos, acrescente:

Os irmãos façam um discernimento comum dos desígnios de Deus sobre o assunto tratado, com atenção aos sinais dos tempos. Procurem formar seu juízo de acordo com os critérios do Evangelho e do magistério eclesial, da *Regra* e das nossas leis (*Const.* 327).

A segunda característica, a saber, a da vida fraterna como objeto da formação permanente, talvez não esteja tão presente em nosso texto constitucional. Com efeito, dentre as muitas dimensões do objeto de formação que nele se recolhem, em momento algum se acha uma referência explícita à necessidade de formar o agostiniano recoleto para a vida fraterna, muito menos à necessidade de uma educação afetiva permanente, com atenção às diversas fases existenciais e apostólicas, uma vez que, nas sendas do amor, da amizade e da comunhão, todo mundo sabe que se avança, que se retrocede e, inclusive, que se morre<sup>22</sup>.

Nós, agostinianos recoletos, estamos, contudo, cada vez mais conscientes de sua necessidade, porque percebemos que algo nos falta; conscientes de que, sem uma sadia pedagogia na vida fraterna – lançando mão, para isso, do contributo das diversas áreas para fomentar as habilidades sociais próprias da convivência e de uma vida em sociedade – as síndromes da família monoparental e do filho único, que nos afetam, serão superadas a duras penas e dificilmente nos apresentaremos perante os nossos contemporâneos como aqueles especialistas e exportadores de fraternidade, tão solicitados hoje em dia, quer pela Igreja, quer pelos marginalizados e inexistentes sociais. Daí que bastantes das colaborações encarregadas, em atenção à *ord.* 2.2 do Capítulo Geral e ao nosso Plano de

---

<sup>22</sup> É chamativo que, ao se estabelecerem os princípios gerais da formação agostiniana recoleta e ao serem apresentados Santo Agostinho como modelo de vida e sua regra como vade-mécum da mesma, a comunhão de vida esteja ausente (cf. *Const.* 123). Quando se expõe a figura do mestre de noviços como agente humano central na formação de quem se inicia na vivência carismática, recorda-se um sem-número de aspectos sob a tríade “educador, formador, acompanhante”, mas sem aludir a uma pedagogia para a vida comunitária nem nas atitudes que a possibilitam (cf. *Const.* 170). As referências à formação inicial insistem numa pedagogia da oração e do estudo intelectual para preparar-se devidamente ao apostolado, obviando a formação na convivência (cf. *Const.* 224), aspecto repetido quando se precisa o itinerário formativo dos religiosos irmãos (cf. *Const.* 253) e dos que pedem as sagradas ordens (cf. *Const.* 236ss.). Apenas em certas passagens aparecem referências veladas à dimensão pedagógica da vida comunitária (cf. *Const.* 126), mas sem que se explicita a necessidade de nela se educar. Exorta-se, isso sim, a que a comunidade seja escola de fraternidade (cf. *Const.* 164) e a que o prior edifique uma comunidade fraterna (cf. *Const.* 165).

Formação<sup>23</sup>, digam respeito à pedagogia humana e espiritual na vida comunitária, para preencher essa lacuna.

Finalmente, é desejo do Instituto que os aspectos da vida fraterna programados para o presente ano (a dialética pessoa e comunidade na sociedade atual; a vivência comunitária na Escritura e sua importância na vida, no projeto e na pastoral de Agostinho; a densidade comunitária da nossa primeira forma de vida e seus acentos recoletos ao longo da história; apontamentos pedagógicos sobre o diálogo e a transmissão de experiências, a vida fraterna, a oração comunitária e o perdão mútuo; a abordagem comunitária do apostolado; a liderança como acicate de comunidades vivas; a arte de saber envelhecer em comum; a convocação na dor, no sofrimento e na marginalização; as experiências comunitárias das recoletas de clausura e dos agostinianos recoletos seculares; os desafios comunitários que o mundo atual nos apresenta) não só nos façam crescer em e como comunidade, mas que também animem as nossas comunidades a enveredar pela senda das comunidades evangelizadoras descritas recentemente pelo Papa: comunidades que ‘primeireiam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam o Evangelho que nos dá a vida (cf. EG 24).

Frei Enrique Gómez García  
Instituto de Espiritualidade e História  
Salamanca

---

<sup>23</sup> Cf. *Plano de Formação. Studium Sapientiae*, 390-436.

